

ACADÊMICOS *VERSUS* PIRRÔNICOS

BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus pirrônicos*. São Paulo: Alameda, 2013. 262p.

Bruno Pettersen*

APRESENTAÇÃO

O livro *Acadêmicos versus pirrônicos* (2013)¹ é desde sua publicação uma das principais obras brasileiras sobre o ceticismo antigo, e em especial é um dos livros mais importantes sobre o ceticismo acadêmico. O autor, Roberto Bolzani Filho (USP), vem estudando há muitos anos a temática do ceticismo antigo, estando esse livro em direta continuidade com o que ele vem pesquisando desde sua dissertação de mestrado, passando pelo seu doutoramento intitulado de “O ceticismo acadêmico e a ideia de subjetividade”, até, é claro, as dezenas de artigos sobre essa temática. Pessoalmente conheço algumas das obras de Bolzani e acredito que o livro *Acadêmicos versus pirrônicos* se configura como o resultado de uma reflexão longa, consistente e essencial para o desenvolvimento da pesquisa acerca do ceticismo antigo no Brasil.

A ESTRUTURA DO LIVRO

O livro é dividido em três capítulos. O primeiro e o maior deles é intitulado de “O surgimento do ceticismo na Academia: Arcesilau”, o segundo e o menor dos capítulos, com quase a metade de páginas do primeiro é o “A crítica acadêmica ao estoicismo” e finalmente o último capítulo “Carnéades e o ‘Probabilismo’” é o capítulo com o tamanho intermediário.

O livro tem uma bibliografia composta majoritariamente pelos clássicos do assunto e conta com alguns comentadores. No entanto, a bibliografia não conta com publicações mais recentes, especialmente artigos, e livros publicados depois de 2000 não são mencionados na bibliografia.

* Doutor em Filosofia pela UFMG. Professor adjunto da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: brunopettersen@gmail.com.

¹ Devemos salientar que esta resenha foi escrita a partir de um volume que ganhamos do próprio Roberto Bolzani.

Deve-se destacar que Bolzani Filho faz um trabalho que é louvável e bastante difícil para o intérprete: ele não apenas oferecer uma interpretação poderosa, mas também lida com os textos originais em latim e grego oferecendo suas próprias traduções. A possibilidade de se ler e traduzir diretamente do original dá ao livro uma característica especial: ele se dedica a interpretar os textos sempre a partir da fonte. Por outro lado, isso acaba afastando o debate dos intérpretes que quase só aparecem nas notas de rodapé. No entanto, em nossa opinião, isso torna o texto mais direto e filosoficamente mais denso, uma vez que ao ir às fontes primárias, Bolzani pôde articular sua argumentação analisando as passagens originais ponto a ponto, palavra por palavra.

Esse aspecto de se lidar com a versão original do texto faz com que Bolzani Filho foque em duas fontes básicas do ceticismo acadêmico. A primeira é o *Academica* de Cícero, e a segunda é a obra de Sexto Empírico, em especial o primeiro livro do *Contra os lógicos*. As traduções, por vezes longas, são, na maioria dos casos, as primeiras para o português.

Tudo isso faz com que o livro de Bolzani seja **obrigatório** para qualquer um que deseja se aventurar sobre o ceticismo antigo, em especial, o ceticismo da academia de Arcesilau e Carnéades. Mas isso não torna esse livro em uma introdução ao tema. Para que o livro seja bem aproveitado, ele precisa de ser lido a partir de um *background* do ceticismo antigo, especialmente a visão dos pirrônicos a partir da voz de Sexto Empírico.

Uma única questão acerca da natureza do livro que precisa de algum esclarecimento segundo este resenhista: o título do livro *Acadêmicos versus pirrônicos*. Em nossa opinião, esse título não traduz bem o conteúdo do livro. Em sua maior parte da argumentação o **livro trata dos cétricos acadêmicos** e mesmo onde o livro se distancia um tanto destes é para apresentar uma visão específica dos estoicos que ajudará a melhor compreender os próprios acadêmicos. Os pirrônicos, em especial Sexto Empírico, são mencionados com frequência, mas na maior parte do tempo eles são utilizados como fonte do ceticismo acadêmico.

O termo *versus* do título implica que haverá um embate (ou no caso do livro uma continuidade entre as posições) entre os acadêmicos e os pirrônicos, mas na maior parte do tempo o que ocorre é uma interpretação do ceticismo acadêmico com menções esporádicas ao pirronismo e possíveis comparações. Em nossa opinião, um título que enfocasse o ceticismo acadêmico teria sido mais justo. Não é o caso que o título seja um problema. Dificilmente o é em um texto científico. A questão é que o texto oferece uma brilhante visão dos cétricos acadêmicos, e acreditamos que isto deveria ser trazido para a frente.

Após as considerações gerais sobre o livro, podemos nos debruçar sobre os argumentos do autor.

OS ARGUMENTOS

O argumento principal do livro gira ao redor da compreensão do ceticismo antigo a partir das múltiplas relações entre os céticos acadêmicos e os pirrônicos, com foco nos primeiros. Bolzani (2013, p. 19) diz assim na introdução:

De tudo isso pode-se extrair uma conclusão muito importante para a compreensão da pertinência de nossa questão: por um motivo ou por outro, parece que ambas as correntes viram-se levadas a procurar, encontrar e afirmar diferenças profundas e incompatíveis ali onde, em certos casos, haveria talvez apenas variações em torno de um mesmo tema. [Desta maneira,... se existem realmente diferenças importantes, há também semelhanças relevantes, que seriam tão ou mais significativas do que as diferenças, às vezes até fundamentais.

Num certo sentido, todo o livro acaba por reconstruir as pontes que aparentemente Sexto Empírico tinha rompido. Aspectos como a suspensão do juízo, o fenômeno e os critérios para a vida comum parecem já estar presentes nos acadêmicos e quando eles surgem em Sexto Empírico temos aqui uma real continuidade não apenas temática, mas na maneira de solucionar tais problemas.

Se este é o foco principal do livro, a argumentação leva a duas conclusões que Bolzani apresenta ao final da sua conclusão (p.21-22). A primeira é que há um espécie de núcleo para o que chamamos de ceticismo, um que permitirá a compreender que entre Carnéades e Enesidemo há muito a se compartilhar. A segunda é que o critério de ação que os céticos acadêmicos apresentam, não apenas oferece uma “proposta positiva”, mas também inaugura uma visão a partir da *subjetividade*, temática ausente dos pirrônicos e mesmo da própria filosofia antiga, tendo surgido mais claramente na modernidade.

O livro é articulado ao redor desses grandes argumentos, que agora apresentamos. Antes uma palavra sobre a organização dos capítulos vindouros.

A organização dos argumentos nos capítulos é muito eficaz, seguindo um método histórico. O primeiro capítulo trata da filosofia de Arcesilau. O segundo é uma espécie de interlúdio necessário: Bolzani sai temporariamente dos céticos e visita os estoicos para poder com eles, apresentar fielmente uma composição do ceticismo acadêmico, que se coloca a partir do diálogo com os estoicos. Finalmente o terceiro capítulo retoma o ceticismo

acadêmico ao tratar de Carnéades. Dentro de capítulos que são muito bem focados, o autor não se limita a falar apenas desses três tópicos, Arcesilau, Estoicismo e Carnéades, mas ao contrário, ele acaba por mostrar uma perspectiva mais geral da gênese do ceticismo. Assim, vejamos o núcleo de cada capítulo.

No **primeiro capítulo** intitulado de “O surgimento do ceticismo na Academia: Arcesilau”, Bolzani articula as origens dos acadêmicos a partir da origem socrática, tópico já clássico na interpretação dos primeiros passos do ceticismo dessa cepa. No entanto, a construção argumentativa que ele constrói é impecável, demonstrando, agora de modo inovador, como a ideia de suspensão do juízo (que será partilhada com os pirrônicos) surge de uma certa visão sobre Sócrates e, posteriormente, como tal reflexão dá origem ao conhecido *eúlogon* – o razoável – de Arcesilau. O argumento se articula da seguinte maneira:

1. Para Arcesilau, o sábio nunca opina (sua “verdade”);
2. É preciso, portanto, encontrar o meio para garantir isso (sua *zétesis*);
3. Em princípio (como no pirronismo e nos dogmatismos), busca-se a doutrina verdadeira, a verdade das coisas, o que proporcionaria a garantia para 1;
4. Depara-se com total obscuridade;
5. Por causa de 1, segue-se a necessidade de suspender o assentimento e isso, doravante, determinará a posição própria e a estratégia dialética de Arcesilau. (p. 73).

Posto desta maneira não apenas Arcesilau está colocando sua posição a partir da posição de Sócrates, da conhecida “integridade intelectual” dele (pontos 1 e 2), mas também Arcesilau apresentou uma posição nos mesmos moldes da vindoura posição de Sexto Empírico (entre 3 e 5). Tal ponte entre Arcesilau e Sexto é um dos argumentos mais interessantes do livro de Bolzani.

O capítulo termina com o tema do *eúlogon* e a questão da impossibilidade de agir devido à suspensão do juízo. Nesse trecho a argumentação de Bolzani demonstra que o *eúlogon* surge como uma resposta não dogmática ao problema do critério de ação conforme levantado contra os cétricos pelos estoicos. Mas é também indicado que o *razoável* não depende do estoicismo como ideia e pode ser mantido a partir das próprias conclusões de Arcesilau.

E é justamente ao trazer à baila a importância do estoicismo para o contexto dos debates da época que Bolzani aponta para a necessidade de nos aprofundarmos mais nessa corrente adversária dos cétricos para que assim possamos entender a proximidade e o combate do ceticismo acadêmico de Carnéades com os dogmáticos estoicos.

É neste interím do debate do ceticismo *versus* o estoicismo que Bolzani nos traz seu **segundo capítulo** intitulado “A crítica acadêmica ao estoicismo”. De modo geral, esse capítulo foca na tese estoica da “representação apreensiva” e em como ela permite compreender a posição acadêmica. Sobre esse conceito estoico cito Cícero a partir da tradução de Bolzani:

[...] não acrescentava a crença a todas as representações, mas somente àquelas que possuíssem uma própria manifestação daquelas coisas que aparecessem; mas a essa representação, quando ela própria por si era discernida, chamava-a apreensiva... Mas quando estava já aceita e aprovada, denominava apreensão, semelhante às coisas que são tomadas à mão. (CÍCERO *apud* BOLZANI, 2013, p. 122).

Segundo Bolzani, essa posição estoica acerca de nossas crenças verdadeira e justificadas, acabou por gerar uma tese realista e uma espécie de “intelectualismo empirista ou empirismo intelectualista” (p. 125).

Mas o argumento mais interessante desse capítulo diz respeito a como a argumentação crítica dos acadêmicos acerca da representação apreensiva estoica resulta em uma posição inovadora da parte dos acadêmicos, a posição *subjetiva* da crítica.

O argumento de Bolzani começa por articular que a representação apreensiva será atacada *via* o argumento do sonho, o que é um tipo clássico de argumentação contra a crença na justificação de uma crença. Mas há uma importante novidade nos acadêmicos que contrasta diretamente com o pirronismo.

Por um lado, a argumentação pirrônica contra a justificação das crenças, que ocorre pelos modos de Enesidemo e Agripa, depende de uma comparação entre contextos de crenças, evocando uma espécie de análise *intersubjetiva*, assim ocorrendo com os conhecidos modos de Enesidemo.

Por outro lado, o argumento acadêmico adota uma posição *subjetiva*, pois “trata-se de perguntar se e como os sentidos e o intelecto, *neles mesmos*, como pretensos meios de conhecimento objetivo, permitiriam detectar e estabelecer critérios de verdade”. (p. 164) Neste sentido, não apenas os acadêmicos abrem uma nova via de argumentação cética a partir dos estoicos, como essa nova via também inaugura o tipo de argumentação cética subjetivista que será típica da dialética cética moderna.

Finalmente chegamos ao **terceiro capítulo**, que examinará a posição de Carnéades e é intitulado “Carnéades e o probabilismo”, que tem como cerne argumentativo a questão de como o probabilismo dele é derivado da crítica acadêmica ao estoicismo que relatamos no

capítulo 2, e que agora acabará por gerar uma visão “positiva”, mas ainda cética. Bolzani (p. 171) nos conta assim:

Mas parece-nos também – e isso constitui o ponto nevrálgico da hipótese de leitura a ser aqui defendida – que o infundado dessas críticas só se torna claro se compreendemos o “probabilismo” como uma consequência da crítica ao conceito estoico de representação apreensiva – como uma espécie de “resíduo” que a própria crítica ilumina e nos deixa, e que pode ser retomado em novo sentido, não mais negativo, mas ainda não dogmático.

Em linhas gerais, o probabilismo de Carnéades é um “resíduo” da crítica ao estoicismo, uma vez que aquilo que é o *provável*² carrega a força persuasiva da representação apreensiva dos estoicos, mas não tem em si o critério último de verdade deles. Assim, o provável dos cétricos é persuasivo, mas não é dogmático.

Essa argumentação depende de compreender que há uma espécie de “passividade” (p. 208 *et seq.*) própria do provável que permite ao cétrico não apenas viver sua vida a partir dele, mas inclusive fazer comparações entre crenças. Tal caracterização do provável é o que permite a Bolzani, ao fim do capítulo, aproximar o *fenômeno* pirrônico à abordagem que Carnéades apresenta acerca de nossas crenças.

CONCLUSÃO

O livro *Acadêmicos versus pirrônicos* é uma das **melhores obras sobre ceticismo antigo já publicadas**. Ela não é apenas leitura indispensável para todos aqueles interessados em ceticismo, mas também introduz novas abordagens ao ceticismo acadêmico que é quase sempre colocado de lado em relação ao pirronismo.

² Em um sentido não matemático de probabilidade.